

TOMAZ
DE FIGUEIREDO

POESIA I



BIBLIOTECA|
DE|**AUTORES**
PORTUGUESES

OBRAS COMPLETAS DE TOMAZ DE FIGUEIREDO

Título: Poesia
Vol. I

Autor: Tomaz de Figueiredo

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)

Capa: Desenho inédito de Júlio Gil

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2003

ISBN: 972-27-1294-2

Depósito legal: 203 734/03

TOMAZ DE FIGUEIREDO

POESIA I

Prefácio de ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2003

BREVE SUMÁRIO DA POESIA DE TOMAZ DE FIGUEIREDO

Da poesia diziam os antigos trovadores que era coisa de saber e alegria. Saber porque a palavra exigia mais do que a lembrança e alegria porque era novidade tudo o que estava para lá da repetição. Da poesia de Tomaz de Figueiredo se pode dizer que, ensaiando escapar ao apertado torniquete da repetição, se faz um caso explosivo de tristeza sadia ou de alegria doentia. Vêm-me aos olhos as palavras com que o grande Raimundo Lúlio abre o seu Desconsolo: «Deus, com vosso poder começo este Desconsolo / o qual faço cantando, a fim de me consolar / e dar a conhecer o pecado e o agravo / que se cometem contra vós, e dos quais seremos julgados na nossa morte. / E quanto mais me consolo, menos firme está o meu coração, / pois o meu ânimo é porto de ira e dor, / pelo que em grave desconsolo se volve o meu consolo; / e entre prazeres e trabalhos me vou à sorte / e amigo nenhum me dá alegria / senão vós; e porque eu a carga levo, / caindo e levantando-me em tal estado me encontro / que nada vejo ou oiço donde saque conforto.»

Não perdem ocasião as palavras de Lúlio, quando da poesia de Tomaz de Figueiredo se fala. A desolação é um dos terrenos mais frequentados pela sua obra. Há um inferno central nas suas palavras, que dói e tortura. É um inferno muito pouco epocal, que nada tem de cinematográfico ou de mera circunstância literária. Não é isso, pergunta o leitor, uma surpresa violenta num autor castiço, que gosta de discorrer sobre o amparo da infância, o agasalho da família, o desagravo do passado ou o prazer da língua? Tomaz de Figueiredo é um epicurista, que tem, porém, a pele chamuscada pelas mesmas labaredas sujas que gelaram Lucrécio, Dante ou Rimbaud. A par do quinhão de entusiasmo que lhe ferve no sangue, ele tem uma cinza amarga empastelada na boca e na consciência.

É por isso que num livro tão portentoso como Viagens no Meu Reino (1968) as sombras da loucura e do suicídio aparecem a rir, em voz altissonante, de boca escancarada e olhos cintilantes. São duas das personagens mais em evidência no livro e decerto duas das presenças mais activas desse reino distante e selvagem em que viveu Tomaz de Figueiredo. Camilo, tão mimado pelo autor de A Toca do Lobo, não é apenas o Mestre feliz duma literatura com público; é também o descrente e blasfemo autor das imprecações contra a Providência e o infeliz sem penitência que põe fim aos seus dias com um tiro cru de pistola. E o António Nobre neogarrettista, conservador e bom rapaz, que dá o tom ao poema de Tomaz de Figueiredo, quer no título, quer na coloquialidade com que convoca o seu interlocutor, a lembrar o Georges da «Lusitânia no Bairro Latino», é também o truão grosso e desapiedado dos «Males de Anto» e da «Balada do Caixão».

Não se pense, porém, que as estátuas tutelares do acidentado e bravio país em que vive e passeia Tomaz de Figueiredo se resumem a Camilo e Nobre. Mesmo tratando-se do Camilo mais sofrido e do Nobre mais friamente agónico, de lanceta em punho, nenhum basta para dar a dimensão do inexplicável horror que ocupa a região crucial em que vive este rude e solitário sujeito de porte aristocrático. Assim, é preciso modelar, nas alamedas do seu reino, outra estátua protectora, muito mais crua e provocatória, mas também muito mais genuína, para quem sempre viveu entre lobos e ursos. E lá a tem o leitor, num curto poema da entrada do livro de 1968, pintada a trevas e música. É a estátua de Ângelo de Lima, o feroz e atroz autor dum inferno vivo, traduzido em monossílabos ininteli-

gíveis, urros de dor ou rugidos de solidão, resultado dos electro-choques duma civilização bárbara que tudo começava a nivelar por baixo.

Mas a escultura que mais fere é a do próprio viajante. Ele tem o rosto massacrado de dúvidas absurdas, chorando lágrimas que mais parecem de sangue. São aflitivos os seus uivos de angústia, que trespassam a noite dos versos. Não há Deus ou homem que valha em tanta amargura e escuridão. Por isso, é grotesco o seu desconchavo e truculenta a sua sátira. O viajante pega dum arrocho e leva tudo a eito diante de si. Escaqueirar é outra forma de chorar. Só ficam direitas as tutelas dos grandes magos sofredores, o último dos quais é um líró, esse Ângelo de Lima, que passa por caso clínico. Trata-se, todavia, dum mediúnico dos sons, em cuja obra se ouve, no meio dos ríspidos e sinistros acordes da civilização mecânica, a aurora musical do Paraíso. Tirando os manes familiares, que são veneravelmente respeitados, nada fica de pé na paisagem do seu reino, tudo são cacos partidos, como esse doutor Eminência Merda Seca, onde se sente estalar Portugal inteiro. A própria língua portuguesa depois desse vendaval não é a mesma; passou por ela o elogio do palavrão, que é uma outra forma de rachar cabeças ou de pedir contas ao Criador.

Só que, em Tomaz de Figueiredo, a fragilidade do mundo, a dolorosa margem de absurdo em que se consome a vida, é também o sinal forte do seu inefável. Por detrás da tempestade de impropérios com que ele varre o terreno, corre uma brisa mítica, imponderável e luminosa, que é a graça intemporal da infância. Todo aquele sacrilégio absurdo em que o real viajante se consome, e que é tão-só a solidão irremediável em que o tempo o deixa,

depenado e triste, tem como contrapartida a satisfação gloriosa da origem. A memória é a marca indelével desse momento original, que o corvo negro e sinistro do tempo não tem poder para roer. Por conseguinte, ao lado das voracidades, está o rio ameno das lembranças, que corre ao arrepio dos acontecimentos e certifica, num milagre de restituição, a sua permanência.

Nas vastas e desertas planícies do reino em que Tomaz de Figueiredo se passeia estão os cacos da sua destemperada truculência, fruto do seu horror, mas estão também as luzes doiradas e macias da sua melancolia, fruto da sua lembrança. Brilham elas com o livor crepuscular da madrugada e cintilam com a intensidade das estrelas, por cima dos terríveis cadáveres da Terra. Assim, no panteão das figuras tutelares de Tomaz de Figueiredo é justo que se ponha o taumaturgo português da memória, o heróico bruxo da saudade, que, com o seu canto órfico e a sua lira de prata e osso, deu vida aos mortos e ânimo aos esquecidos. Surge, à laia de aparição, na derradeira alameda desta região, envolvido pelo halo frio da montanha, o bronze hierático de Teixeira de Pascoaes. Da desolação à saudade, eis as fronteiras imensuráveis do universo poético do autor de Viagens no Meu Reino.

E poesia foi toda a obra de Tomaz de Figueiredo, da primeira linha à última, e não apenas os dois livros de versos que ele espaçadamente deu à luz, Guitarra (1956), um conjunto que traz por letrero «treze romances», onde lateja a dívida para com as seqüências mais mansas e inofensivas do neogarrettismo, e Viagens no Meu Reino (1968), decassílabos brancos a perder de vista, onde a corda da branda lira neogarrettista estoira diante do absurdo da borrasca, ou os outros muitos que ele guardou

inéditos e só agora, nesta edição mais que merecida, aparecem ao clarão da publicidade. Há nestes novos livros a surpresa do soneto, mas o aprumo dessa ordem formal, a cinta desse aperto nada tiram à síncope das ideias. Também o garrotado Ângelo de Lima escreveu um dos mais clássicos sonetos da língua portuguesa, de resto glosado por Tomaz de Figueiredo, na abertura do livro publicado em 1968, e escreveu-o não em momento de sã lucidez mental, mas no rigor mais áspero da sua loucura, quando os relâmpagos do destempero, com as suas chocantes descargas eléctricas, lhe paralisavam já os membros e lhe torravam em fogo lento os fios do cérebro.

Assim, os manes deste lar, novo e extenso, são os mesmos que o leitor já conhece. Por um lado, um Camilo negro e blasfemador, talvez aquele que escreveu as pungentes cartas a Vieira de Castro, onde diz que Deus lhe roubou em criança o contentamento da vida, e um António Nobre fino mas cínico, amarfanhando a vida no desprezo dos seus limites. O primeiro aponta de dedo estendido as sombrias regiões da dor e da desgraça, enquanto o segundo olha, com a melancolia do fim, a queda do Princípio. A estes dois bustos dum Pigmalião português, juntam-se o entrudo copioso e grosso, a mascarada famélica da nave de todos os loucos e a solidão anónima da saudade, discutindo heroicamente com Perséfone, nos salões subterrâneos do seu sinistro palácio, o regresso dos mortos queridos.

Pergunta o leitor, com legítima surpresa: mas porquê tantos anos de esconderijo para esses livros de versos, vindos a lume, nesta edição, pela primeira vez, mais de trinta anos depois da morte do escritor? Lembra o leitor, e bem, que, dos dezassete volumes de versos agora aparecidos, quinze são inéditos. Recato de inti-

midade? Desinteresse pela gloriola literata? Provocação de silêncio? Reserva (que receio é impensável em escritor tão destemido) da censura política? Indiferença dos editores pelo verso? Provavelmente tudo isto, e ainda um sentido secreto da privacidade que sobreleva o brio artístico e faz dos livros em verso de Tomaz de Figueiredo o capítulo mais fechado, mas também o mais pessoal, dessa personalidade que é terapia colectiva, da sua obra. Há escritores em que o silêncio público se mostra mais construído, e até mais inconveniente, que o gosto ou a presunção da disciplina da arte.

Digo-o sem o mais pequeno receio, mas também sem a mais leve obrigação: apesar de tudo o que se queira ou possa, a obra escrita de Tomaz de Figueiredo é um dos picos da literatura portuguesa do século xx. Valha a verdade que isto nada quer dizer, mas, ainda assim, alerta para a dificuldade de nos dias de hoje se encontrarem, na mesma língua, mais do que um, dois ou três escritores com o seu estalão. Disse que a sua obra é cume da literatura portuguesa do século xx. Não tanto assim, calhando. É preferível deixar para outros a literatura e o seu pequeno tráfico de golpes baixos e dar-lhe a ele, ao que viveu solitário e selvagem numa toca de lobo, a aura poética do desastre, esse nimbo de luz que só uma aventura espiritual vivida através das palavras pode criar.

20-24 de Novembro de 2003.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

GUITARRA

Treze romances

ÍNDICE

<i>Prefácio,</i> por ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO	9
--	---

GUITARRA

Da Maria velha	19
Dos retratos antigos	22
Do menino roubado:	
I <i>O meu menino era de ouro,</i>	25
II <i>Como no romance velho,</i>	26
III — <i>Alvíssaras, coração,</i>	27
Da menina do comboio	29
Da menina da janela	31
Dos emigrantes	33
Das ruas da Graça à noite	35
Do barco da carreira	37
Do giro	39
Dos cães desterrados	41
De Moçambique	43

VIAGENS NO MEU REINO

Jardim de corações	53
O sangue antigo	55
O defunto imaginário	56
Pára-me de repente o pensamento	58
A morte velada	59

Imaginação.....	60
Insistência	61
O nunca-mais	62
A vã ressurreição	63
Andrômaca	64
Dorme, meu menino, dorme!	65
Romance de Camilo	67
Sic semper	69
Nec semper	70
Antes de Josafat... ..	71
Fidalguia	72
O vago Dostoievski... ..	75
Pesadelo	76
Diário	79
Nunc est bibendum!	82
A sombra	83
Abortação	84
O ilustre saco-de-comida	86
Nocturno de satã	88
Farmacologia	89
O tempo vencido	91
Realejo	93
Desespero	97
Suma injúria	99
Entressonho	102
À braseira	104
Teimosia	105
Suevo-Godos	106
No campo de Haceldama	108
O jardim fechado	110
Na toca do lobo	113
O amor perfeito	115
O rio da lembrança	117
Descobrimento do paraíso	120
A paisagem amada	123
Encantamento	125
As fontes do Vez	128
A morte lenta	131
Serenata à canalha	134
O príncipe	136
O rei do café	138
Raminhos de bem-querer	140
A volta do Zé Cesteiro	141
Sempre o corvo do Poë	142
Descida aos infernos.....	144
Valsa, Opus 1	146
O segundo paraíso	149
Valsa, Opus 2	151

As andorinhas do calvário	153
No penedo do Cáucaso	156
É trotar, vilanagem!	158
Ao gato dos olhos de esmeralda	159
Estavas linda Inês	160
A voz do sempre	162
Até ao fim do mundo	165
Cometa de oiro em campo azul	166
Saudades da espada	169
Com vilões nem para o céu	172
A mãe roubada	174
Saudades da luz	175
Testamento	177
Regresso ao nevoeiro	179
Anúncio	180

CONSUMATUM EST

<i>Em que firmar-me, neste meu deserto,</i>	183
<i>Que iniquidade de Processo! Ao fim,</i>	184
<i>Viver, morrer, sem poesia e sonho,</i>	185
<i>Sem que amor sinta, fundo eu amo.</i>	186
<i>Tomou posse de mim o sofrimento.</i>	187
<i>Sou assombrado duma sombra falsa,</i>	188
<i>Restam de mim os olhos, como fachos,</i>	189
<i>Forço-me a andar na vida cataléptico.</i>	190
<i>Levem-no, — à força — levem-me o Passado</i>	191
<i>Que ninguém queira experimentar um dia</i>	192
<i>Ah! Dói-me tanto a minha dor!</i>	193
<i>Tento quebrar o círculo de ferro</i>	194
<i>É inumano, ó facultativos,</i>	195
<i>Este, o soneto vinte feito hoje!</i>	196
<i>Quanto me fitem, fito, frente a frente,</i>	197
<i>Escureceu a própria Estrela de Alva.</i>	198
<i>Estrelas que falais do céu curvado,</i>	199
<i>Pesadelo</i>	200

POÇO DA NOITE

<i>Que é que tenho na cabeça? Fumo?</i>	211
<i>É a poesia a lógica do Belo.</i>	212
<i>Salvem do chão estes farrapos de oiro,</i>	213
<i>Basta de louco! Mas, que hei-de fazer,</i>	214
<i>Isto se faz a um Homem, bestas feras?</i>	215
<i>Esfarrapo-me em versos delirantes,</i>	216
<i>Doente! Que mais querem de um doente</i>	217

<i>Passa um dia, outro dia, outro passa,</i>	218
<i>Que assombro, este, de me ver assim!</i>	219
<i>Exigem-me o impossível. É cruel.</i>	220
<i>Que ternura infinita, represada</i>	221
<i>Que infinito de Nada me rodeia!</i>	222
<i>No que em mim resta de divino, a Arte</i>	223
<i>Paralisado nesta dor mental,</i>	224
<i>Tenho pena de mim, como se tem</i>	225
<i>Cometa, arrasto a minha cauda láctea</i>	226
<i>Aí está! Morrer, dormir, sonhar, talvez... ..</i>	227
<i>Há nos meus olhos barcos afundados,</i>	228
<i>Sou um archote inútil de Poesia.</i>	229
<i>Ninguém sofre por mim a dor que tenho.</i>	230
<i>Estou a desfolhar-me em Belo, a rodos,</i>	231
<i>Por mais Belo que invente, não me chega.</i>	232
<i>Estarei louco? Estou. Sinto só versos.</i>	233
<i>Caiu do céu ao vácuo uma criança,</i>	234
<i>Eu já não sei quem sou. Dantes, sabia... ..</i>	235
<i>Magoa-me a Beleza e nela busco</i>	236
<i>Que horror! Que horror já sinto, e mais me espera!</i>	237
<i>O mal de que padeço é o garrotinho</i>	238
<i>Pois seja o manicómio. Tem de ser</i>	239
<i>Entrego-me, de mãos e pés atados,</i>	240
<i>E assim eu pago, com Beleza, ao Homem,</i>	241
<i>Nem as moscas enxoto. Que me piquem</i>	242
<i>Como é que o mal que sinto gera o Bem?</i>	243
<i>Minha pobre cabeça, triste bola</i>	244
<i>Como um bêbado, agora, andas aos tombos,</i>	245
<i>Tão lindo que era dantes o luar!</i>	246
<i>Tive uma torpe bruxa por madrinha.</i>	247
<i>Mas quem sou eu, se já nem tenho nome?</i>	248
<i>Repilo o batoteiro xequemate.</i>	249

SANGUE DE CRISTO

I <i>Ó Deus! Ó Deus! Tu não me abandonaste.</i>	253
II <i>Pincham à volta dum braseiro de ossos,</i>	255
III <i>Os cravos rubros rompem hoje pretos.</i>	256
IV <i>Se não há Deus! Então, nunca Justiça!</i>	257
V <i>Pela noite da vida, um meteoro</i>	258
VI <i>Vida, aberta ao lembrar, como um romance!</i>	259
VII <i>Pelo Natal é o jogo dos pinhões.</i>	260
VIII <i>Senhor do Céu, eu sou, quero ser teu!</i>	261
IX <i>Versos meus, que provindes do mistério,</i>	262
X <i>Ando a boiar no rio do letargo,</i>	263
XI <i>Que desespero! Ah! que desespero!</i>	263
XII <i>Que falta eu te faço, Pátria minha.</i>	264

XIII	<i>A Vida é a Essência, o Princípio, a Origem.</i>	265
XIV	<i>Humana carne davam os Romanos</i>	265
XV	<i>A árvore mais alta o raio fende.</i>	266
XVI	<i>Envergonhai-vos, pedras do caminho!</i>	266
XVII	<i>Arroz de frango, azul, gaitas-de-foles!</i>	267
XVIII	<i>Quando a mor das desgraças bate à porta,</i>	267
XIX	<i>O nada é povoado de avejões...</i>	268
XX	<i>Sua Grandeza o duque de Alencaca</i>	268
XXI	<i>À capela de flores de laranjeira</i>	269
XXII	<i>Ao Luso manda o Homem das Cavernas.</i>	269
XXIII	<i>Cristão cheiro sadio do pão quente,</i>	269
XXIV	<i>Imaginando símbolos me perco.</i>	270
XXV	<i>Eu sei, eu sei quanto dirão um dia,</i>	271
XXVI	<i>Desagrega-se o núcleo dum cometa,</i>	271
XXVII	<i>Cabeça minha, já não podes mais!</i>	272
XXVIII	<i>O roubo do júízo brada aos céus.</i>	273
XXIX	<i>Aproxima-se a última estação,</i>	273
XXX	<i>Garrotado no tronco da loucura,</i>	274
XXXI	<i>O bom, o bom de bordejar o mar,</i>	276
XXXII	<i>No outeiro da quinta dos Maiores,</i>	277
XXXIII	<i>Fonógrafo de carne, fala à toa!</i>	278
XXXIV	<i>Símbolos e mais símbolos... Simbólico?</i>	278
XXXV	<i>Crucificado, o Sonho, vão braceja,</i>	278
XXXVI	<i>Jogando à bola no Colégio, as vezes</i>	279
XXXVII	<i>— Pedro, ouvi que morreste... Ah! vida torta!</i>	279
XXXVIII	<i>Vida, queria cantar-te! Amor, cantar-te!</i>	279
XXXIX	<i>Venturas idas, ide-vos da mente,</i>	281
XL	<i>E a vida ao meu lado, flor aberta</i>	281
XLI	<i>E os fantasmas não cessam de chamar...</i>	282
XLII	<i>Longínqua, lá, no azul doutro planeta</i>	285
XLIII	<i>Não me arranquem os olhos! Não mos vazem!</i>	287
XLIV	<i>Cansado, extenuado! Estou exausto!</i>	287
XLV	<i>Fazer sofrer os outros! Ver a dor</i>	288
XLVI	<i>Oiço clamores na noite desgrenhada</i>	288
XLVII	<i>A bruxa! A bruxa! A de olhos ramelosos,</i>	292
XLVIII	<i>E agora? Agora? O delírio segue.</i>	293
XLIX	<i>A Alma não pequena está pequena,</i>	293
L	<i>Mais um livro! Acabou-se! Mais um livro!</i>	294

CAIXA DE MÚSICA

De inscrição — Um soneto dos vinte anos	299
Triunfal	300
Soneto	301
<i>Que linda manhã! E para nada!</i>	302
<i>Abri-vos para mim ocultas cores,</i>	303
<i>Fiel fiquei da lua apaixonado,</i>	304

Aldeia	305
Torre de desespero	306
Anel	307
Inumanidade	308
Assinatura	309
Cartel	310
Teimosia	311
Sempre o Senhor do Paço	312
Soneto desesperado	313
Anúncio	314
Guião	315
Na campa de Nemrod	316
Vaivém	317
Na prisão mamertina	318
Impossibilidade	319
O suicídio involuntário ou a máquina de morrer	320
Fatalidade	321
O cavaleiro da Lua	322
Frustração	323
Imagem	324
Imortalidade	325
Grito	326
Desnudez	327
Escuridão	328
Os filhos da dita	329
A voz inútil	330
Bandeira	331
Sinal contrário	332
Matemática... ..	333
Esboço	334
Pronto!	335
Fogo!	336
Desespero	337
Panorama	338
O homem	339
Encomendação	340
<i>Da minha própria dor me rio, às vezes,</i>	341
<i>Agora é tarde. O peito meu, vazio</i>	342
<i>Subamos o calvário uma vez mais,</i>	343
Eternidade	344
Cara e cunho	345
Noivado	346
Ingredientes	347
A obra inédita	348
Anathema sit	349
Testamento	350
O nada	351
A cobra	352

Romance	353
Do sempre-mais-sem-fim	354
A cada instante	355
Porquê?	356
Delírio	357
Columba dei	358
Jardim das oliveiras	359
Esconjuro	360
Chamamento	361
O letreiro	362

ORFEU E EURÍDICE

I <i>O que eu morri na bárbara noitada!</i>	367
II <i>Avante, ó Alma, sobre o teu corcel</i>	372
III <i>Ah! que este pesadelo não me cessa!</i>	398
IV <i>Vida, estúpida vida, vida corna,</i>	406
V <i>Melancolia, negro mal ruim,</i>	412
VI <i>Um pouco mais de Sol, e eras brasa,</i>	417
VII <i>Vede-lo o porco indino ali sentado,</i>	423
VIII <i>Mas que linda gravata hoje faça,</i>	428
IX <i>Nesta minha tristeza sem remédio,</i>	431
X <i>Ah! Quando eu tinha ideais! Quando eu sofria</i>	444
XI <i>Junto do Mar da Lusitânia, um dia,</i>	465
XII <i>Oiço trombetas. É tocar de Verdi?</i>	473
XIII <i>— Amigo Antão do Antão era Pastor,</i>	483
XIV <i>Saio, a vadiar em pensamento,</i>	492
XV <i>A praia, a todo o pulso dos motores,</i>	502

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

OBRAS COMPLETAS DE TOMAZ DE FIGUEIREDO

Volumes publicados:

NÓ CEGO

Prefácio de João Bigotte Chorão

TEATRO

Prefácio de António Manuel Couto Viana

POESIA

Prefácio de António Cândido Franco

2 vols.

Acabou de imprimir-se
em Dezembro de dois mil e três.

Edição n.º 1009341

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

